

O AUTISMO E A INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jaquelline Barroso Rodrigues¹

José Luiz Diniz de Souza ²

RESUMO

O autismo pode ser avaliado como um transtorno global do desenvolvimento (TGD) que afeta o desenvolvimento da criança, especialmente interferindo em seu desenvolvimento nas áreas da comunicação, imaginação e da socialização. O presente artigo tem como objetivo ressaltar a importância do desenvolvimento de crianças autistas na Educação Infantil de uma maneira lúdica por meio de brincadeiras, jogos e brinquedos, podendo contribuir para que as crianças com autismo se socializem e se desenvolvam em contato com outras crianças. Esse artigo foi desenvolvido através de pesquisa bibliográfica, com recentes estudos em relação ao autismo e como ocorre esse processo de inclusão dentro da Educação Infantil.

Palavras Chaves: Autismo, Educação Infantil, Inclusão.

ABSTRACT

Autism can be assessed as a developmental disorder (ADD) that affects children's development, especially by interfering with their development in the areas of communication, imagination and socialization. This article aims to highlight the importance of the development of autistic children in Early Childhood Education in a playful way through play, games and toys, and can contribute to children with autism socialize and develop in contact with other children. This article was developed through bibliographical research, with recent studies in relation to autism and how this inclusion process occurs within the Early Childhood Education.

Keywords: Autism, Early Childhood Education, Inclusion.

1. Graduada em Licenciatura em pedagogia pela Faculdade Atual da Amazônia, cursando pós graduação em Educação Infantil com habilitação em Educação Especial pela Faculdade Faceten.

2. Graduado em Licenciatura em Pedagogia pela UNINP, concluindo o curso de pós graduação em Educação Infantil com habilitação em Educação Especial pela Faculdade Faceten e cursando pela Instituto Federal de Roraima pós graduação em Pro-EJA.

INTRODUÇÃO

O autismo é avaliado como uma doença que se tornar-se visível geralmente antes dos três anos de idade, onde são afetados os campos de comunicação, comportamento restrito e repetitivo e interação social. A criança com autismo tem certa dificuldade em interagir com as outras pessoas, com mudanças de rotina e de expressar suas necessidades de maneira clara e objetiva. Eles não demonstram ter medo de perigos, apresentam pouco contato visual, sendo que não respondem a ordens verbais, sendo não se expressam verbalmente e sim usam gestos ou sinais para sua comunicação.

Os estudos mais recentes sobre o transtorno encontram-se no campo das neurociências e genética que buscam descobrir alguma justificativa fisiológica ou fator genético que descubra as causas do autismo.

O diagnóstico de uma criança autista ocorre por meio da observação do comportamento da criança em seu dia a dia, pois não existem testes específicos para sua comprovação. Para um bom resultado com o trabalho com crianças autistas deve-se ter a preocupação dentro do espaço escolar em ter uma equipe multidisciplinar, tendo em seu quadro profissionais de psiquiatria, fonoaudiologia, psicologia, neurologia, psicopedagogia e demais da área de saúde.

Atualmente, é possível perceber que com as novas diretrizes curriculares e legislação regida para a inclusão das pessoas com necessidades educacionais especiais, observa-se que os alunos autistas estão sendo inseridos com, mas frequência nas escolas regulares, pois até pouco tempo atrás, crianças autistas ou que apresentem qualquer outro tipo de necessidade especial frequentavam simplesmente as instituições especiais e não tinha um foco na escolarização, mas sim no desenvolvimento de suas habilidades cotidianas.

De acordo com estudos e pesquisas é possível afirmar que um dos meios encontrados para trabalhar com crianças autistas, são atividades que envolvam a ludicidade, pois com essas atividades lúdicas a criança tem a possibilidade de mostrar sua autonomia, desejo, imaginação e criatividade, que irão auxiliarem seu cotidiano.

Para compreender como ocorre esse processo de inclusão das crianças autistas na Educação Infantil, vamos organizar nossa pesquisa em três seções

nas quais serão abordados os seguintes temas destisno, nas quais se faz necessário compreender a educação especial, ainclusão das crianças autistasno ambiente escolar e como ocorre o desenvolvimento da criança por meio do brincar.

A metodologia utilizada para a realização deste artigo foi à pesquisa bibliográfica, por meio de artigos disponíveis em sites e livros. Em um primeiro momento faremos uma abordagem sobre a Educação Especial falando um pouco sobre a história do autismo, bem como Lei que apara as crianças com necessidade especial de ensino.

Em um segundo momento destaca-seinclusão dessas crianças no ambiente escolar e qual a importância do brincar dentro desse processo de inclusão no processo de aprendizagempara que ele ocorra de maneira significativa.

EDUCAÇÃO ESPECIAL: CONHECENDO A HISTÓRIA DO MUNDO AUTISTA

Para que possamos compreender sobre o autismo, é preciso que façamos uma breve linha histórica sobre o que significa e o que a Lei garante as crianças que apresentam o autismo. Sendo assim é preciso compreender que o termo Autismo é de origem grega que significa “próprio” ou de “de si mesmo”, e é empregado para indicar comportamentos humanos voltados para o próprio indivíduo.

E no que se refere criança autista. Praça esclarece que a criança com autismo:

[...] permanece em seu mundo interior como um meio de fugir dos estímulos que acerca no mundo externo. Outro motivo para o autista permanecer em seu universo interior é o fato de que, em geral, o autista sente dificuldade em se relacionar e em se comunicar com outras pessoas uma vez que ele não usa a fala como meio de comunicação. Não se comunicando com outras pessoas acaba passando a impressão de que a pessoa autista vive sempre em um mundo próprio, criado por ela e que não se interage fora dele (PRAÇA, 2011, p.25)

Em 1906 pelo médico Plouller, quando introduziu o adjetivo autista na literatura psiquiátrica ao se referir aos comportamentos de mutismo e indiferença em idade adulta (JESUS; SÁ, 2010). O autismo foi descrito pela primeira vez em 1943, pelo médico austríaco Leo Kanner, ao descrever um

quadro específico de adoecimento infantil (BOSA e CALLIAS, 2000). E a palavra "autismo" foi utilizada por Eugene Bleuler, em 1911, para descrever um sintoma da esquizofrenia, o qual definiu como sendo uma "fuga da realidade".

Em 1943, Leo Kanner (1943), um pedopsiquiatra austríaco usou pela primeira vez o termo "autismo infantil, "relativamente às perturbações do relacionamento que observou em onze crianças. Estas tinham características comuns com outras pessoas. O que as distinguiu de outras com patologia com a esquizofrenia, cujo isolamento social surge após anos de desenvolvimento quase normal. "Kanner sugeriu então que crianças autistas nasciam já com uma incapacidade inata para estabelecer os contatos habituais biológicos e afetivos com outras pessoas".

Ainda Asperger em 1944, usou a expressão Psicopatia Austística. "Asperger conceituava o autismo infantil como a existência de uma distorção do modelo familiar interferindo no desenvolvimento psicoafetivo da criança em decorrência do", caráter altamente intelectual dos pais destas crianças", ou seja o autor da mesma forma assinala a existência de fatores biológicos ". Marques & Dixe afirmam que a não compreensão do autismo, durante muito tempo, ocasionou " diagnósticos equivocados intervenções duvidosas e pais frustrados", ressaltando a dedicação dos pais na luta pela melhoria das opções adequada às necessidades de seus filhos, estando estes pais em constante desafio e preocupações.

De acordo com Tamanaha et al. o desenvolvimento dos estudos nessa área é marcado por duas abordagens teóricas distintas, sendo uma vinculada a uma "concepção original da etiologia afetiva e de incapacidade relacional, por falhas cognitivas e sociais". Orsatiet al. consideravam o envolvimento de quatro níveis de conhecimento para uma visão completa do quadro autístico : etiologia; estruturas e processos cerebrais; neuropsicológica e sintomas; e comportamento.

A educação tem como fundamento a Constituição da República Federativa do Brasil (1988). Os Capítulos que amparam são o Capítulo II-Da União em seu Art.23 que afirmam que "É competência comum da união", Estados, do Distrito Federal e do Município: [...] II, cuidar da saúde e assistência pública, da proteção e garantia das pessoas portadoras de deficiência; Capítulo III – da educação da cultura e do desporto (BRASIL, 2015).

Seção I Da educação:

Art.205. A educação direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho [...] Art.208. O dever do Estado com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o educação será efetivado mediante à garantia de: [...] atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede de ensino (BRASIL, 2015).

Lei nº 12.764, de dezembro de 2012, institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro 1990 (BRASIL, 2012).

A Secretária Municipal da Educação e Cultura (SMEC) desenvolve suas ações com base na Política de Educação Inclusiva (2008). Atualmente, a rede municipal de ensino atende a demanda de 476 alunos com algum tipo de deficiência ou dificuldade de aprendizagem destas 50 são diagnosticadas com autismo. Na sala de aula, eles têm atendimento igualitário, porém os alunos com certa limitação são acompanhados por um cuidador. No horário oposto, eles são atendidos na sala multifuncional pelos professores do Atendimento Educacional Especializado (AEE) (Prefeitura Municipal de Boa Vista, 2016).

Há casos que necessitam de acompanhamento integral. Eles são encaminhados para o Centro Municipal Integrado de Educação Especial. O local dispõe de diversas atividades pedagógicas e acompanhamento profissional como: psicólogo, fisioterapeuta, terapeuta ocupacional, fonoaudiólogo, pedagogo, e assistente social.

Após um longo caminho de descobertas, o autismo passou a ser classificado como um déficit neurobiológico que já nasce com a criança e compromete o desenvolvimento. Segundo Vila, Diogo e Sequeira (2009) é constituído por: hipocampo septo, amígdala e o bulbo olfativo. Ele é responsável por emoções motivação e comportamento agressivo, e cognitivo.

A INCLUSÃO DAS CRIANÇAS AUTISTAS NA ESCOLA

A inclusão social começa nos primeiros anos da vida de uma criança. Muitas vezes, o primeiro local onde ela começa a se socializar com outras

crianças é na escola, a partir dessa vivência é que inicia sua socialização com outras pessoas, fora do seu ambiente familiar. É por isso que a escola se torna o agente mais importante para que a inclusão social inicie nos primeiros anos da vida de uma criança.

A sociedade com a aquisição de novos valores e princípios mostra-se cada vez mais presente nas discursões que se referem sobre a importância da educação inclusiva. Nesse sentido uma série de políticas públicas vem sendo desenvolvidas para promover a inclusão de crianças com necessidades especiais em escolas de ensino regular.

Com isso podemos perceber que para ocorrer a inclusão de fato, é fundamental que os sistemas de ensino pensem em escolas que tenham um material adequado para receber essas crianças não esquecendo também da importância de capacitar professores e funcionários, para que os mesmos compreendam a particularidade de cada criança e aprendam a conviver, respeitar e especialmente oferecer uma qualidade de ensino a todos, com as mesmas qualidades de desenvolvimento.

De acordo com Lopez,

Professores, orientadores, supervisores, direção escolar, demais funcionários, famílias e alunos precisam estar conscientes dessa singularidade de todos os estudantes e suas demandas específicas. Esta tomada de consciência pode tornar a escola um espaço onde os processos de ensino e aprendizagem estão disponíveis e ao alcance de todos e onde diferentes conhecimentos e culturas são mediados de formas diversas por todos os integrantes da comunidade escolar, tornando a escola um espaço compreensível e inclusivo. (2011, p. 16)

Diante do exposto acima, podemos dizer que a inclusão da criança com autismo em sala de aula deve acontecer de forma conscienciosa, a escola como um todo tem que dispor de um suporte pedagógico adequado para incluir o aluno no ambiente educacional de forma que todos os envolvidos possam assimilar a situação e conhecimento dos processos a serem desenvolvidos visando com isso à superação de dificuldades enfrentadas por da criança com autismo.

Tal realidade é passível de mudanças significativas que vêm ocorrendo no dentro da educação e ressaltam a importância de se adequar os espaços escolares às necessidades de crianças com autismo. A escola que antes excluía e rejeitava crianças, nos tempos atuais tem como objetivo promover um ensino de qualidade, estabelecendo metas para enfrentar e superar as dificuldades que forem encontradas ao longo do processo.

Portanto podemos compreender que a inclusão está relacionada ao processo de ensino-aprendizagem, lembrando que não é suficiente apenas incluir, e sim é papel da escola deve contribuir com um ensino de qualidade e com isso auxiliar o professor a desenvolver metodologias diversificadas e flexíveis oferecendo o suporte necessário para que se possa obter uma resposta positiva ao seu trabalho em sala de aula.

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO COM CRIANÇAS AUTISTAS

De acordo com Vasconcelos e Vasconcelos (2004), crianças com autismo são crianças cuja linguagem desenvolve-se de uma maneira muito característica, com repercussão em todo seu desenvolvimento pois não conseguem dizer o que sentem, o que sabem, nem o que querem. Tais problemas se revelam nas formas de comunicação e expressão que se mostram extremamente prejudicadas e são vistas na dificuldade.

Sendo assim pode-se dizer que,

Intervir nessas crianças supõe uma preocupação no estabelecimento dos laços sociais e o entendimento de um diagnóstico comum não as transformam em iguais: cada criança é singular, caso único que poderá ter diferentes resultados em seu percurso de tratamento e de escolarização. A escola é fator importantíssimo para promover mudanças e tornar possível o seu desenvolvimento e interação. Uma das saídas encontradas para enfrentar as dificuldades na escolarização da criança autista é aproximar técnicos de saúde mental dos profissionais da educação, construindo uma rede de apoio à inclusão. (VASCONCELOS; VASCONCELOS, 2004, p. 23-24).

A educação tem um valor significativo para o desenvolvimento cognitivo das crianças autistas. Nesse sentido podemos ressaltar que os professores precisam ser observadores e analisar com atenção o desempenho das crianças autistas. Trabalhar com o lúdico é uma das formas de facilitar o desenvolvimento desse aluno. É importante também que seja pensado em um espaço escolar em que as crianças possam ter um melhor conhecimento e desenvolver-se.

As pinturas, jogos, brincadeiras e desenhos são atividades lúdicas que permitem um bom desenvolvimento com crianças autistas, uma vez que com o lúdico a criança tem a possibilidade de mostrar sua autonomia

Os brinquedos também são essenciais nesse processo com o lúdico, pois as crianças autistas são capazes de se expressar por meios das

brincadeiras sua imaginação, descobrindo o que gostam de fazer sem medo e tendo o tempo que precisam para demonstrar seus sentimentos e emoções.

Com o lúdico também é possível contribuir para o desenvolvimento tanto na parte mental, como na física dessas crianças, ou seja, as brincadeiras não caracterizadas apenas como uma diversão e sim como conhecimento para o desenvolvimento das crianças autistas, auxiliando na sua concentração e habilidades.

No que se refere às atividades lúdicas com crianças autistas Santos afirma que é,

Através das atividades lúdicas a criança assimila valores, adquire comportamentos, desenvolve diversas áreas de conhecimento, exercita-se fisicamente e aprimora habilidades motoras. No convívio com outras crianças aprende a dar e receber ordens, a esperar sua vez de brincar, a emprestar e tomar como empréstimo o seu brinquedo, a compartilhar momentos bons e ruins, a fazer amigos, a ter tolerância e respeito, enfim, a criança desenvolve a sociabilidade. (SANTOS, 2008, p. 56).

Com isso é possível perceber que essas brincadeiras não devem ser obrigadas e sim ocorrer de maneira livre, dependendo do desejo e interesse das crianças. Não precisa seguir uma regra e preciso deixá-las livres para que possam agir com naturalidade. São nesse momento que as crianças irão viver as suas emoções, anseios e vão se mostrarem como são dentro da sua realidade e seus limites.

Quando colocamos o lúdico no ensino das crianças é o mesmo que estabelecer pontos que se adequam para a formação do conhecimento das crianças com autismo e isso faz com que promovam novas opiniões, pensamentos, estimulações e desempenhos mais adequados e entendimento.

Incluindo o brinquedo como uma suporte na educação das crianças com autismo, é uma forma de contribuir para a concentração, confiança, colaboração, aceitação, autoconfiança, pois e por meio do brincar que a criança tem a oportunidade de evidenciar suas vontades que lhe fazem transmitir felicidade, ou seja, o brincar é imprescindível no dia a dia dessas crianças, onde ela também tem a oportunidade de se relacionar com outras crianças. Vale ressaltar que a família também precisa estar sempre presente participar desses momentos de brincadeiras com seus filhos, pois a família é importante para esse processo de aprendizagem e desenvolvimento dos pequenos e com isso a família é capaz de perceber as emoções de seus filhos, pois são eles que ficam maior parte do tempo com as crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisando as leituras e artigos sobre o autismo foi possível perceber que quando observarmos o desenvolvimento e educação dos alunos autistas é preciso considerar a importância das relações sociais e sua interação com as pessoas que convivem tanto no ambiente escolar como no familiar.

Podemos dizer que a escola tem a obrigação de proporcionar uma educação de qualidade a todos os alunos, incluindo também as crianças que apresentam autismos. Mas nem sempre a inclusão ocorre de fato por falta de conhecimentos dos profissionais para receber esses alunos com autismo pois os mesmos não tem facilidade para se socializar ler e nem escrever, e precisam da intervenção do professor. Vale ressaltar que toda a equipe escolar deve ter conhecimento do assunto, para facilitar o trabalho com eles, buscando assim auxiliá-los no desenvolvimento desses autistas.

Outro ponto que deve ser mencionado que é importante avaliar o aluno individualmente, percebendo qual a necessidade e o limite de cada um apresenta. Por isso que o lúdico na educação torna-se essencial para o desenvolvimento dessas crianças e facilita o trabalho dos professores e o convívio familiar. O lúdico sem dúvida auxilia as crianças autistas e com isso facilita seu aprendizado, pois são capazes de adquirir confiança em si mesmo e a conhecer as suas emoções.

O lúdico é essencial no processo de aprendizagem no cotidiano dessas crianças com autismo, pois com todos os profissionais envolvidos nesse trabalho e não esquecendo também a família, que devem fazer parte desse processo para que possam pôr em prática com eles em seu convívio em casa.

No que se refere a sua participação na inclusão da criança com autismo no ambiente escolar, é importante destacar que o professor tem um papel determinante, pois é ele quem recebe e estabelece o primeiro contato com a criança, seja de forma positiva ou negativa. Dessa forma ele se torna responsável por efetivar ou não o processo de inclusão, considerando que é seu dever criar possibilidades de desenvolvimento para todos, adequando sua metodologia as necessidades diversificadas de cada aluno.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

BOSA, C. & CALLIAS, M. "Autismo: breve revisão de diferentes abordagens". **Psicologia: Reflexão e Crítica**, vol.13, n.1, 2000.

BRASIL. **Lei n. 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Disponível <www.planalto.gov.br>. Acessado em 16 de maio de 2018.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília Senado Federal, 1988.

GADIA, C. A., TUCHMAN, R.; ROTTA, N.T. "Autismo e doenças invasivas de desenvolvimento". **Jornal de Pediatria**, vol. 80, n. 2, 2004.

KANNER, Léo. "Autistic disturbances of affective contact". **Nervous Child**, vol. 2.1943.

PEREIRA. A. RIESGO, R. S. WAGNER, A. B. "Autismo Infantil: Tradução e validação da Childhood. Autismo Rating Scale para uso no Brasil". **Jornal de Pediatria**, vol. 84, n. 6, 2008.

PREFEITURA DE BOA VISTA. **A escola foi fundamental na descoberta da doença", diz mãe de aluno autista da rede municipal**. 2016. Disponível <<<https://www.boavista.rr.gov.br/noticias/2016/04/a-escola-foi-fundamental-na-descoberta-da-doenca-diz-mae-de-aluno-autista-da-rede-municipal>>>. Acessado em 16 de maio de 2018.

SÁ, M. G. C. "A constituição da subjetividade humana frente aos processos de inclusão educacional de crianças autistas na educação infantil". In: JESUS, D. M.; SÁ, M. G. C. S. (orgs.). **Políticas, práticas pedagógicas e formação: dispositivos para a escolarização de alunos(as) com deficiência**. Vitória: EDUFES, 2010.

TAMANAHAN, A.C; PERISSINOTO, J; CHIARI, B.M. "Evolução da criança autista em diferentes contextos de intervenção a partir das respostas das respostas das mães ao autismo". **Revista de Atualização Científica**, julho, 2008.

VASCONCELOS, A.; VASCONCELOS, C. "O brilho no olhar". In: LIMA, S. **Saúde na Escola: Tempo de Crescer**. Recife:Unicef, 2004.

VILA, C.; DIOGOS, S. "Autismo e Síndrome de Asperger". Disponível em <www.psicologia.pt>. Acesso em 16 de maio de 2018.